

A CRIANÇA DIANTE DO SENTIDO DA VIDA E DA MORTE

*A morte deveria ser assim:
um céu que pouco a pouco anoitecesse
e a gente nem soubesse que era o fim...*

Mario Quintana

Desde o nascimento, a criança está implicada na difícil tarefa de descobrir e conhecer o mundo em que vive. Os primeiros anos são marcados por grandes aprendizagens: andar, falar, ler e escrever, conhecer as pessoas e aprender a amar.

Aos poucos, ela vai se familiarizando com o mundo por meio das pessoas que estão à sua volta e que lhe traduzem todos os sentimentos humanos. A criança vai adquirindo confiança na vida e nas pessoas à medida que as conhece e com elas se relaciona.

UMA SITUAÇÃO DE PERDA NA INFÂNCIA

Contudo, quando uma criança vive uma situação de morte de alguém muito amado – pai, mãe, irmão, avós –, dependendo de sua idade, todo o seu sistema de crença no mundo e sua segurança de que este é um lugar bom para se viver, pode ficar enfraquecido.

A experiência de perda faz com que seu universo, ainda em construção, fique remexido e sua confiança em novas relações fique extremamente abalada. Tudo parece virar de ponta-cabeça e a vida passa a ser percebida como um inimigo perigoso. É muito comum, nesses momentos, que a criança apresente expressões de descrença e de raiva contra tudo e contra todos, e que os adultos – seus “heróis” – lhes pareça frágeis, pois eles não podem reverter a situação de ausência da pessoa amada.

Por isso, os adultos que acompanham uma criança enlutada devem saber que ela precisa do máximo de estabilidade possível. É bom evitar, quando possível, mudanças bruscas – de escola, de casa, de empregada, de cidade, dentre outras. É necessário e importante que a criança retome sua rotina, o mais rápido possível: seus compromissos escolares, suas brincadeiras com amigos etc.

Além da segurança estabelecida pela rotina, a idéia de que o mundo é bom, de que o amor é seguro e de que as pessoas vão e voltam, é muito importante para o desenvolvimento da criança. Contudo, os adultos não podem impedir que uma situação de perda aconteça, ainda na infância, abalando, temporariamente, a segurança até então construída. As crianças, cada uma à sua maneira e de acordo com sua idade, percebem a perda, sofrem e passam pelo processo de luto. Mas, como elas ainda não ampliaram sua compreensão do mundo, acabam criando “explicações próprias” sobre a morte e a vida, numa tentativa de dar sentido aos acontecimentos e sentimentos desencadeados pela perda de alguém amado.

ALGUMAS FANTASIAS DA CRIANÇA DIANTE DA MORTE

“QUANDO MINHA MÃE VOLTAR...”

A criança pequena – mais ou menos dos dois aos seis anos – concebe a morte como reversível, provisória, temporária. Assim, ela pode acreditar que a pessoa morta vai voltar e, às vezes, ela espera ansiosamente por essa volta. É claro que essa estratégia, usada também por adultos, é uma forma de a criança defender-se da dor da perda e da ausência.

“ELE MORREU PORQUE BRIGUEI COM ELE”

A criança tem um pensamento egocêntrico, ou seja, acha que tudo acontece por causa dela. Assim, ela pode pensar que a pessoa morreu porque ela fez algo que a desagradou. É muito importante que os adultos lhe expliquem que a morte não acontece porque nós queremos e que nós não temos poder sobre a morte de alguém que amamos.

“AS PESSOAS CONTINUAM TRISTES: ACHO QUE NÃO SOU SUFICIENTE PARA FAZÊ-LAS FELIZES”

Ainda como fruto do pensamento egocêntrico, a criança pode nutrir a idéia de que os adultos ficam tristes ou felizes sempre em função dela, das coisas que ela faz ou deixa de fazer. Por isso, ao ver que os adultos choram ou sofrem em razão de uma perda familiar, ela sente-se responsável por tais sentimentos. É muito importante que os adultos não

escondam seus sentimentos da criança, mas que lhe garantam que estão tristes em razão da perda e não por causa dela, e que não está em suas mãos a capacidade de fazê-los felizes ou tristes.

“OUTRAS PESSOAS QUE EU GOSTO TAMBÉM VÃO MORRER?”

Como assinalamos no início do texto, morte desestrutura toda a organização interna da criança que passa, então, a temer que as outras pessoas que ela ama também morram. Desta forma, é comum que ela desenvolva um comportamento de apego, passando a ficar “grudada” na família ou mesmo a querer dormir junto com alguém, por um tempo, e preocupando-se muito quando as pessoas demoram para chegar em casa.

Os adultos devem compreender esta atitude da criança e evitar atrasos e longos períodos de afastamento; mas aos poucos precisam ajudá-la a retomar sua segurança.

“TENHO MEDO DE MORRER ”

Algumas crianças podem desenvolver um medo de morrer. Esse medo geralmente é expresso de forma sutil: ela pode reclamar de dores; ou querer, constantemente, que a levem ao médico. Isto acontece porque ela toma consciência da morte. É bom que os adultos dêem atenção às suas queixas, e possam confortá-la em relação à sua saúde e à segurança de sua vida.

COMO OS ADULTOS PODEM AJUDAR?

Diante das inúmeras atitudes/fantasias que a criança desenvolve por ocasião da morte de alguém, resta aos adultos compreendê-la e auxiliá-la – conforme as manifestações de sua idade – em seu processo de luto. Por isso, aconselhamos que seja mantido, sempre aberto, um canal de comunicação para que ela possa perguntar o que quiser. Se a criança não tiver possibilidade de obter informações e sanar suas dúvidas, ela preencherá as lacunas deixadas por essas questões com fantasias e atitudes próprias, e poderá incorrer em erros que poderão deixar marcas importantes em sua vida.

Aprender a sofrer tão cedo pode parecer um contra-senso na vida de uma criança que, de acordo com nosso desejo, só deveria usufruir de uma infância feliz e protegida. Contudo, o sofrimento e a dor fazem parte da vida humana, e podemos ser surpreendidos por eles a qualquer momento. Assim, como adultos, só nos resta traduzir para nossas crianças esse acontecimento tão avassalador, usando, da melhor forma possível, nossas experiências de luto e uma boa dose de amor e confiança.

Ana Lúcia Naletto e Lélia Faleiros Oliveira, são Psicólogas clínicas do Centro de Psicologia Maieutica, especializadas no trabalho com enlutados, desenvolvem projetos de apoio à família no Cemitério Primavera, por meio de palestras e grupos.

www.centromaieutica.com.br

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; 2001.